

POR UMA (R)EXISTÊNCIA BICHA NA EDUCAÇÃO: NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DE BICHAS PRETAS FAVELADAS

Tarciso Manfrenatti de Souza Teixeira

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, tarciso.literatura@gmail.com

Resumo

Somos organismos contadores de histórias. E dentro das escolas e de outros espaços educativos (família, ambientes religiosos, espaços de lazer, ruas, trabalho, mídia, etc.) circulam várias histórias; no entanto, uma narrativa prevalece, torna-se hegemônica, e conforma os sujeitos a serem homens, ou melhor, a serem machos, brancos, heterossexuais, cristãos e burgueses, fundamentalmente. Desse modo, ao se estabelecer um modelo único e hegemônico de sujeito e de masculinidade dentro desses espaços; a educação acaba por retroalimentar, em seu interior, um círculo vicioso que (re)produz desigualdades de raça, gênero, sexualidade e classe. Sendo assim, a educação promove a desumanização para todxs aquelxs (negrxs, indígenas, mulheres, pobres, gays, lésbicas, transexuais, travestis...) que “escapam” da referência hegemônica de sujeito. Além do mais, o racismo e a homofobia são orquestrados como uma potente ferramenta pedagógica. Neste escrito, os marcadores sociais de raça, gênero, sexualidade e classe serão apresentados em uma perspectiva interseccional, polimórfica e polifônica. Baseando-me no método (auto)biográfico e inspirado nos estudos do/no/com o cotidiano, parto do princípio de que podemos aprender/ensinar com as histórias que contamos/ouvimos; assim, este escrito trará três narrativas (auto)biográficas de bichas pretas faveladas a fim de mostrar as suas (re)existências na educação e, com isso, tirar as diversas histórias “outras” de sujeitxs “outrxs” da invisibilidade e do isolamento.

Palavras-chave: masculinidades, racismo e homofobia.

...puxando o fio...

Gostaria de iniciar este escrito dizendo que ele fala (também) sobre o encontro. Mais uma vez tenho como fio condutor das minhas narrativas a memória, e falarei dos encontros que dela advém. Encontros que entramam e enredam narrativas. As minhas narrativas com a de (ex-)alunxs, com a de colegas de profissão, com a de colegas pesquisadorxs e que ressoam com as narrativas de tantas outras bichas.

Parto do princípio de que pesquisa/escrita é uma constante busca a nós mesmos, em sermos pesquisadores de nós mesmos (FERRAÇO, 2013). Desse modo, ao passo que vou contando as minhas histórias e a de tantxs “outrxs” sujeitos/personagens; eu conto(narro) a minha história, e ao fazer isso, eu me compreendo.

Por isso, além de me pautar em uma consisa pesquisa bibliográfica sobre relações étnico-raciais e de gênero, sobre o conceito de interseccionalidade e sobre os processos de desigualdade (racismo e homofobia) na escola, utilizo como metodologia de trabalho para este escrito, o método (auto)biográfico proposto por Caetano (2016). No qual a narrativa (auto)biográfica “toma o discurso sobre o sujeito como o centro de interesse e fundamenta outra perspectiva do fazer ciência.

Ela propõe que, por intermédio de relatos particulares, outras dimensões mais amplas sejam articuladas para o entendimento dos fenômenos sociais e, por conseguinte, pensadas suas sequelas nas trajetórias dos sujeitos (CAETANO, 2016, p. 34-35). Desse modo, Caetano (2016) vai dizer que ao focar o sujeito que é narrado, dimensiona-se tal sujeito em um contexto mais amplo, ou seja, assim como nos lembra Deleuze e Guattari ([1977] 2015), “não há sujeitos individuais, apenas agenciamentos coletivos”.

Portanto, pretendo rememorar cenas que não saem da minha memória e que marcaram a minha vida. Lembranças que se misturam nas histórias contadas por diversas pessoas que passaram por minha vida. Por isso, nesse escrito, reunirei a narrativa (auto)biográfica de três bichas pretas faveladas. As histórias de Lohan, Wallace e Ednaldo, adolescentes entre 14 e 18 anos de idade, negrxs, estudantes de escola pública, moradores de comunidades (favelas) localizadas pelas periferias da região metropolitana do Rio de Janeiro. A fim de en-tramar as nossas histórias em narrativa com o objetivo de mostrar a (r)existência dessas bichas em meio “a uma escola monocultural, monofônica e monocromática” (FILÉ, 2006, p. 3).

bicha, preta e favelada...que diabo é isso afinal?

Nas sociedades modernas, de acordo com Butler (2003), as pessoas se tornam compreensíveis graças a “inteligibilidade de gêneros”, que se pauta no binarismo e em uma estrita coerência e continuidade entre sexo anatômico (“macho” ou “fêmea”), identidade de gênero (“masculino” ou “feminino”) e desejo sexual. Vale ressaltar que a matriz dessa inteligibilidade, presente em nossa sociedade, é a heterossexualidade.

Segundo Silva Júnior (2014), diversos discursos (o religioso, o médico e o legal) circulam em nosso meio, a fim de argumentarem que o desejo, o sexo biológico e a prática sexual heterossexuais são naturais, inquestionáveis, algo dado; sendo assim, a heteronormatividade, torna-se o caminho natural da sociedade.

Butler (2003) vai dizer que o discurso passa a regular o gênero, a isso Silva Júnior (2014) chama de “construção discursiva da heteronormatividade”. E, assim, a heterossexualidade torna-se compulsória, ou seja, como afirma Louro (2010), a partir do discurso, de rituais, de repetições, normas e regras anônimas e onipresentes são inscritas em nossa pele, em nossos corpos, por isso, Certeau (1998) vai dizer que “do nascimento ao luto o direito se apodera dos corpos”; agora, a lei (ser branco, macho, heterossexual, burguês, proprietário e cristão, fundamentalmente) não será (mais) escrita nos papiros, nos pergaminhos ou no papel; ela (a lei) será (agora) inscrita na pele dos

seus súditos. Sendo assim, os discursos buscam naturalizar e estabelecer as diferenças entre os dons femininos (emoção, gosto de cuidar da casa, maternidade, delicadeza, sensibilidade) e os dons masculinos (força, razão, brutalidade, violência). Assim, são criados as expectativas e papéis sociais e sexuais relacionados ao feminino e ao masculino. Passando-se a ideia de que existe uma masculinidade, uma feminilidade natural, a-histórica e essencial.

No entanto, para Raewyn Connell (2000) as masculinidades são definidas coletivamente na cultura e sustentadas nas instituições. Segundo Connell (1995), tanto no seio familiar quanto em outros espaços educativos (escolas, igrejas, mídia, rua, trabalho, espaços de lazer, etc.) circula uma “narrativa convencional” (CONNELL, 1995) sobre como ser homem. Sendo assim, esses diferentes espaços educativos vão constituir diversas masculinidades e elas estarão envolvidas em uma rede de poder. Por isso, falo em masculinidades. Pois não existe uma só. No entanto, somente uma é tida como modelo. Assim, a masculinidade é construída, definida e defendida pelo grupo, criando assim a “masculinidade hegemônica” (CONNELL, 1995). Desse modo, dentro desses diferentes espaços educativos, algumas dessas masculinidades serão reconhecidas e legitimadas, outras subalternizadas, marginalizadas. Esse é o caso da bicha.

Não importa se são chamadas (dependendo da localidade geográfica) de alegres, afeminadas, afrescalhadas, biba, bicha louca, bicha quá quá, bee, baitola, boiola, desmunhecado, debochado, efeminado, frutinha, gay, gayzinho, gayzão, incorrigível, insolente, louca, mona, morde fronha, mão quebrada, pintosa, sem vergonha, transviado, viado, viadinho ou viadão. Aqui irei evocar as bichas. “Que nascem do discurso”, assim como afirma Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017). No entanto, não posso deixar de mencionar que elas são fruto do discurso negativo, pejorativo, desqualificante, que as menosprezam em relação aos outros sujeitos, como pode ficar claro nos “apelidos” que as bichas recebem ao longo da vida.

O que esses termos dizem é que o relacionamento sexual e afetivo entre pessoas do sexo e do gênero masculino não é humano, não é honesto e, por isso, seus sujeitos não podem ser o centro e a margem, o lado de fora é sim um lugar. O lugar para quem expressa pecado, perigo, anormalidade, fragilidade física e emocional, inadequação a determinadas atividades profissionais, falta de caráter, propensão ao crime, dificuldade de conviver em sociedade etc. (OLIVEIRA, 2017, p. 99)

Apesar de evocarem um “não lugar” pois, elas (as bichas) estão deslocadas, fora dos centros formais de poder social. A bicha, entre tanto, possui uma territorialidade, “a territorialidade da bicha (in)define-se como deslocamento ou incomodo” (ZAMBONI, 2016, p. 98).

Quando a bicha é identificada, ela é comprimida por uma multiplicidade de sujeitos que a invisibilizam e a silenciam. E foi exatamente nesta situação que me encontrei com Lohan, bicha,

preta e favelada, de 16 anos de idade, cursando o 9º ano do Ensino Fundamental, estudante de uma escola pública do município do Rio de Janeiro, localizado no complexo de comunidades da Vila Kennedy, situada na Zona Oeste do Rio de Janeiro.

Quando entrei na sala da direção – para tirar algumas dúvidas sobre questões meramente burocráticas – vi que x meninx estava sendo repreendidx pela diretora da escola, fiz sinal dizendo que em outro momento conversaríamos, mas a diretora fez questão que eu ficasse e assistisse o desfecho daquela cena. Passados alguns minutos, x alunx saiu da sala de cabeça baixa e a diretora, ainda muito acalorada por causa da conversa, disse que aquelx meninx estava “insuportável”, “incontrolável”, “sem rédeas” e que fez questão que eu visse/participasse a/da conversa, pois nós dois tínhamos a mesma “questão”, o que se dava para notar. No entanto, elx poderia ser como eu, contidx, pacatx! Confesso que, naquele momento, não argumentei nada. Ouvi a fala da diretora (mais uma vez) sobre Lohan. Tive minha dúvida burocrática esclarecida. E o dia decorreu como de costume.

No entanto, descobri que Lohan (bicha preta favelada) era meu outro. Eu era o professor, homossexual/gay (tudo bem); mas bem-comportado, aceitável! Agora, ser bicha! Já é demais! Incomoda, contesta, desestabiliza, tumultua, é inaceitável, por isso deve ser invisibilizada e silenciada, como fazia aquela diretora.

Vale ressaltar que o domínio do discurso heteronormativo é tão forte que marca até os sujeitos que não se relacionam com o sexo oposto, nesse caso, os homossexuais. “Nesse sentido, que se pode afirmar que o dispositivo atual da sexualidade está pautado na ideia de formar seres que formatem sua vida dentro de um modelo naturalizado de heterossexualidade” (SANT’ANA, 2010, p. 4). E assim, constrói-se não só um modelo de “masculinidade hegemônica” como também um modelo de “gay hegemônico”, um homossexual estandardizado, higienizado, homogeneizado. Assim é proposto e disseminado um modelo de identidade, de comportamento e de estética que o gay é, quer ser e/ou deseja. Vale ressaltar que esse modelo de identidade gay, se pauta sobretudo na heteronormatividade (SANT’ANA, 2010).

Assim, eu fui aprendendo, assimilando em mim, este modelo de gay hegemônico, que tenta homogeneizar a imagem do homossexual branco, bem-sucedido, fino, de bom gosto, rico. Em que seus corpos há o predomínio dos músculos e da virilidade, que também demonstra uma representação de beleza, saúde, sucesso e inclusão, a qual se deseja transmitir. A isso Sant’ana (2010) vai chamar de “assimilacionismo”, ou seja, baseado na ideia do ou somos idênticos (no caso, aos heterossexuais) ou seremos fadados à diferença e à anormalidade.

Desse modo, isso gera uma rejeição aos homossexuais negros e àquels que se identificam com uma estética e uma gestualidade mais relacionada àquilo que foi convencionado com o feminino.

Gay e bicha, como já podemos perceber anteriormente, são categorias diferentes. Eu, enquanto gay, era um “modelo” esperado e fazia parte do desejo daquela diretora que, aquelx mex alunx, uma bicha, copiasse, seguisse aquele modelo. Isto porque, nas terras tupiniquins, “o gay afirma-se pela negação da bicha” (ZAMBONI, 2016, p. 21).

A bicha está no meio de um fogo cruzado, ela é máquina de guerra, é um devir que desestabiliza e que interroga. Assim, a bicha é atacada tanto pela norma cis heterossexual, quanto pela norma homossexual. Sendo assim, eu, enquanto gay, era o “bom homossexual”; e Lohan era a bicha, “uma má cópia do homossexual ideal, igualitário” (ZAMBONI, 2016, p. 22).

Sendo assim, “ela [a bicha] delata os homossexuais. A pecadora endiabrada, a criminosa perigosa, a imoral desenfreada, a doente, a escandalosa, a louca, enfim a bicha, é acusada de queimar o filme dos gays bem-comportados” (OLIVEIRA, 2017, p. 106).

Assim, eu ocupava aquele lugar do gay bem-comportado, normatizado, higienizado e heteronormatizado. Naquele momento, ao me deparar com o meu “outro”, com a bicha. Que cumpria com o seu papel, Lohan também me causava incomodo, pois fazia com que eu me interrogasse, me questionasse, além de desestabilizar os códigos, rituais e lugares que faziam eu acreditar que eu era algo.

“Além de preto, é viado!”

Mais um dia em sala de aula, quando cheguei, xs alunxs estavam em polvorosxs, pois Wallace havia “saído do armário”, dizia para todxs que estava namorando com um alunx da escola. Ao relembrar dessa história, que vivi com Wallace em sala de aula, volto a ouvir (ainda hoje) os gritos de dxs alunxs: “Seu preto viado!”; “Além de preto, é viado!”; “Olha ai, está desmerecendo a raça!” Essas falas e o comportamento agressivo dos demais alunxs denunciavam várias coisas.

Conheci Wallace em 2010, quando trabalhava em uma ONG (localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro, no complexo de comunidades do Muquiço). Wallace era umx meninx de 14 anos de idade, estudante de uma escola estadual local, cursava o 9º ano do Ensino Fundamental, era gay, negrx, morava naquela comunidade, se dizia candomblecista, tinha uma escrita e letra maravilhosas, era altamente criativx, cheio de vida, energia e queria ser estilista ou desenhista.

Rememorar os encontros que tive com Wallace, Lohan ou Ednaldo faz com que eu compreenda que nós não somos sujeitos pré-existentes, que caíram do céu; no entanto, somos produzidos e fabricados, assim como nos ensina Foucault (1988). Somos frutos da história, das lutas e resistências e das relações complexas entre agentes sociais, discurso e as instituições. Sendo assim, conforme Britzman (1996), não podemos viver as nossas identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe, por exemplo, a prestação ou de forma hierarquizada, essas não apresentam uma visão linear; mas em contrapartida, são fluídicas, parciais, contraditórias, instáveis, voláteis e mutáveis. Dessa forma, penso nesses marcadores sociais através de uma perspectiva interseccional, pois como afirma Osmundo Pinho (2004)

no mundo real os sujeitos se produzem através da interseção de diferenças e desigualdades diversas. A interseção ou combinação dessas diferenças produz novas diferenças, então, não é apenas uma soma, ou seja, uma bicha preta não é um sujeito que acumula duas identidades, é outra posição diferente que é produzida através dessa interação ou dessa confluência. (PINHO, 2004, p.129)

Sendo assim, a interseccionalidade transpõe a soma das dominações ou arranjos de identidades e diferenças. Nos possibilitando uma visão rizomática e transdisciplinar diante da complexidade das identidades e das desigualdades sociais, através de uma abordagem integrada (POCAHY, 2011).

Dessa forma, aposto na perspectiva interseccional entre racismo e homofobia. Pois, segundo Oliveira (2017), os estudos interseccionais entre homofobia e racismo no Brasil ainda é novidade. Pois, por um lado, pode estar relacionado com a pouca representatividade de homossexuais, gays ou de bichas pretas possuem no movimento negro ou no movimento gay. Por outro lado, denuncia também um número reduzido de pesquisadores homossexuais, gays ou bichas nas universidades de nosso país.

No entanto, recordando a fala daquelxs alunxs, diante da “novidade” trazida por Wallace para a turma; primeiro, aquele comportamento mostrava a visão com relação a sexo, gênero, prática sexual e desejo que xs alunxs demonstravam acreditar. Elxs me mostravam acreditar em uma relação de coerência e continuidade, que torna os “gêneros inteligíveis” (BUTLER, 2003). Vale ressaltar que a matriz dessa inteligibilidade é a heterossexualidade, ou seja, como aquelxs jovens estavam diante de um menino, que dizia estar namorando com outro menino, dentro da “inteligibilidade do gênero”, eles só podiam entender que Wallace desejasse ou que tivesse relações sexuais com alguém de sexo e gênero opostos ao dele.

Em segundo lugar, Wallace foi hostilizadx porque estava transgredindo os cânones da heteronormatividade, que também fabrica/produz a masculinidade negra. Dentro desta perspectiva,

Silva Júnior (2014), diz que os corpos negros são fetichizados. Ou seja, corpos de mulheres e homens; que foram construídos, dentro da lógica de mercado, como sensuais, bons de cama, sempre prontos para realizarem os desejos. Sendo assim, os corpos de homens e mulheres negros/as são bastante sexualizados; ou, conforme diz Silva Júnior (2014), a raça é sexualizada e a sexualidade é racializada.

Resultado do racismo em operação, segundo Oliveira (2017), o estereótipo do homem negro como sendo viril, portador de uma grande força física, violento, com grande apetite sexual e com pênis hiperdimensionado; primeiro, contradiz o estereótipo do homossexual hegemônico, visto sempre como o covarde, frágil e delicado; segundo, esse estereótipo contrapõe o homem negro ao homem branco. A este é lhe conferido o intelecto, a sensibilidade e a racionalidade, aquele tudo isso lhe é negado, pois tudo é eclipsado, virado pênis e potência física/sexual.

Bailando no jogo das interseccionalidades, o racismo irá construir o negro viril, com apetite sexual voraz e com pênis avantajado; no entanto, com uma pitada de homofobia, “se o estereótipo do homem negro viril e superdotado sexualmente é utilizado para afirmar sua cis heterossexualidade, também o é para negar a sua homossexualidade” (OLIVERIA, 2017, p. 20).

Desse modo, muitos celebres autores, como por exemplo Franz Fanon (2008), irão ver a homossexualidade como algo totalmente negativo e, por isso, irão rejeitar a ideia de que ela possa ser praticada por homens negros e sugere que os intercursos sexuais com homens brancos estavam atrelados não ao desejo, mas a situações pontuais” (OLIVEIRA, 2017, p. 21).

Sendo assim, meninxs como Wallace, quando desmontam a “narrativa convencional” (CONNELL, 1995) que rege a masculinidade negra são ferozmente hostilizadxs e execradxs de seu meio; pois, segundo Silva Júnior, baseando-se em Fanon (2008), no imaginário coletivo “a homossexualidade é uma forma de perversão da cultura branca, pois não existem homossexuais negros” (SILVA JÚNIOR, 2014, p. 57).

Desse modo, “os negros homossexuais têm grande dificuldade de ser aceitos pelo grupo de homens negros, passando a serem vistos como o *outro*” (SILVA JÚNIOR, 2014, p. 57), principalmente, quando irrompem o estereótipo de “negão pegador” ou da performance sexual esperada/desejada (serem ativos).

“Vai aprender a deixar de ser viadinho!”

Certo dia dando aula, Ednaldo chegou muito triste, em sala de aula, e me disse que o pai delx havia lhe batido e lhe ameaçara, de forma brutal e leviana, dizendo que se elx continuasse a se

comportar como um “viadinho” ele iria sofrer as consequências e que seria primeiro pelas mãos de seu pai.

Como se pode perceber, a homofobia não é apenas consentida, mas também ensinada, vai adquirindo nítidos contornos institucionais (JUNQUEIRA, 2009). A homofobia instaura uma espécie de “vigilância do gênero” (BORRILLO, 2009), que denuncia os “desvios” e “deslizes” do masculino em relação ao feminino e vice-versa; operando uma atualização constante nos indivíduos, a fim de lembra-los de seu “gênero certo” (BORRILLO, 2009).

Se por um lado, o racismo, o antissemitismo, a misoginia ou a xenofobia são formalmente condenados pelas instituições; por outro lado, a homofobia continua a ser considerada uma opinião aceitável, vista, ao longo de séculos, como pecado, crime ou doença. Dentro dessa perspectiva o jovem ou adulto LGBT se encontra e, com isso, Rogério Diniz Junqueira (2009) diz que “a escola configura-se um lugar de opressão, discriminação e preconceitos, no qual e em torno do qual existe um preocupante quadro de violência a que estão submetidos milhões de jovens e adultos LGBT” (p.16). Sendo assim, a partir desses pressupostos, desde cedo o jovem/adolescente LGBT será imerso em uma espécie de “pedagogia do insulto” (JUNQUEIRA, 2009), que consiste em um tratamento preconceituoso, ofensivo, constrangedor, com a presença de ameaças e agressões físicas ou verbais, em que se estrutura em meio a piadas, brincadeiras, jogos, apelidos e expressões desqualificantes.

No ano passado, após as apresentações das turmas nas festividades julinas promovidas por nossa escola, Ednaldo e um grupo de colegas, resolveram fazer uma apresentação extra. Montaram uma coreografia de uma música da cantora norte-americana *Beyoncé*. Terminada a referida apresentação, tumulto no portão da escola, pois um grupo de alunxs havia ferozmente agredido a Ednaldo, que teve que ser socorrido e levado para uma Unidade de Pronto Atendimento da comunidade, pois tinha sido encontrado desacordado após ter sido espancado na esquina. De tal modo, como afirma Albuquerque Júnior (2010), “a masculinidade entre nós é letal, morremos de masculinidade, matamos por masculinidade, para afirma-la, por afirma-la” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2010, p. 28).

Imediatamente, fizemos uma mobilização pelas redes sociais sobre o caso ocorrido com o nosso alunx. Comunicamos a direção sobre o fato, no entanto, ouvimos que o acontecido tinha ocorrido no lado de fora da escola. Mas que uma equipe de psicólogos, assistentes sociais ou algum profissional de saúde iria ser acionado para conversar com os jovens.

E assim, cada vez mais, vemos que

“o corpo negro, o corpo das bichas, dos viados, dos velhos, dos deficientes físicos, dos gordos, e outros tantos foram e continuam sendo invisibilizados. Esses corpos são aqueles que a própria humanidade é negada e estão relacionados a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas vidas e cuja materialidade é entendida como não importantes (OLIVEIRIA, 2017, p. 95).

“Ser bicha não é só dar o cú / É também poder resistir”

As histórias que vivi com Wallace, Lohan e Ednaldo serviram de fio condutor para que eu me conectasse a outras narrativas e, principalmente, com a minha história de vida, ou seja, “cenas que nos lembram que nossas histórias se confundem” (FERRAÇO, 2013, p. 159).

Assim, elas fizeram com que eu vislumbrasse várias questões, como por exemplo, que somos organismos contadores de histórias e que podemos aprender/ensinar com as histórias que ouvimos/contamos; pois, ao passo que vou contando as minhas histórias e a de tantos “outros” sujeitos/personagens; eu conto(narro) a minha história, e ao fazer isso, eu me compreendo.

Conseqüentemente, na busca pela compreensão de si, eu vou construindo uma narrativa, uma história de vida, pois “a compreensão de si é narrativa de um extremo a outro. Compreender-se é apropriar-se da história da própria vida” (RICOEUR, 1991 apud FILÉ, 2006, p. 100).

No entanto, as palavras não ficam apenas gravadas nas folhas de papel, elas se inscrevem em nós, em nossa carne, em nossa pele, ou seja, acabamos nos tornando “escrituras encarnadas”. Em que “os livros são apenas as metáforas do corpo”, como diz Michael de Certeau (1998, p. 232).

Um corpo que abriga uma lei: ser homem, macho, heterossexual e cristão, basicamente. Essa lei foi sendo tatuada em minha pele, assim fui sendo “escrito pela lei do outro”, e isso vem acompanhado por um misto de prazer e de sofrimento; prazer quando se é reconhecido (pela lei do outro) e sofrimento; pois para obter o reconhecimento (pela lei) do outro é necessário apagar, negar, expurgar do corpo qualquer “mancha negra” (SOUSA, 1983), qualquer vestígio de feminilidade (não ser mulher, não ser afeminado), infantilidade (não ser criança) ou homossexualidade (não ser gay), características que “mancham” a masculinidade, como diz Silva Júnior, 2014.

Hoje observo, então, que ser bicha preta é ser violentada de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, como afirma Neusa Santos Sousa (1983), por uma dupla injunção: a de encarnar no corpo os ideais de “Ego do sujeito branco” (ser macho, heterossexual, burguês) e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro/gay/infantil/feminino.

Sendo assim, ocorre a negação de um estatuto humano (desumanização) para todxs aquelxs (negrxs, indígenas, mulheres, pobres, gays, lésbicas, transexuais, travestis...) que “escapam” da referência hegemônica de sujeito.

No entanto, “a bicha resiste” (OLIVEIRA, 2017, p. 102). Reinvindica seu lugar, sua subjetividade, seu existir, seu estar na escola, seu estar no mundo. Por isso, terminarei contando mais uma (última) história que vivi com Wallace.

Todo final de ano, acontecia o “Festival de Talentos”, o evento tinha o objetivo de fazer uma interação entre a instituição e a comunidade, além de apresentar os talentos “naturais” dxs alunxs. Como era de costume, os cartazes e as fichas de inscrições foram distribuídos pela comunidade. Se as propostas de apresentação estivessem dentro do padrão esperado pela instituição, o jovem ou o grupo poderia se apresentar. Assim, Wallace procedeu. Na ficha de inscrição ele cantaria uma música gospel. Porém, quando o meninx, subiu no palco, elx se apresentou como “*a mulher banana*” e começou a cantar e a dançar um “funk” da época. Ao final da apresentação, Wallace deixou o palco; e na coxia, confidenciou a mim e a professora de artes que adorou a apresentação; mas, se entristeceu, ao dizer que não havia tido dinheiro para comprar uma peruca.

Enquanto alguns viram aquela cena como algo abominável ou como um espetáculo patético e lamentável, que deveria ser esquecido. Eu o vejo sob a ótica foucaultiana, na qual o poder não fica concentrado nas mãos de uma única pessoa e não é visto como algo negativo ou coercitivo apenas; em contrapartida, passa a ser exercido por todos os sujeitos e a ser visto como algo produtivo e positivo.

Como disse anteriormente, existe um poder coercitivo e impositivo, que circula no interior das escolas, fazendo com que meninos como Wallace se conformem dentro de um determinado padrão de masculinidade. Contudo, aquelx meninx, durante a sua apresentação, me mostrou que elx também exercia uma forma de poder, o poder da resistência, ou seja, elx estava alí reivindicando uma forma de subjetividade que o ensinavam a desprezar.

Aquelx meninx, suas histórias e sua apresentação não estavam querendo ser um exemplo negativo ou ser motivo de piada; na verdade, estavam questionando, inquirindo, indagando as práticas pedagógicas daquela instituição e exigindo propostas emancipatórias.

Assim, vou me dando conta cada vez mais que os sujeitos dependem diretamente das normas sociais; no entanto, como afirma Judith Butler (2004) concepções de gênero vem desfazendo personalidades, dificultando e minando a capacidade de se preservar uma “vida vivível”.

Portanto, ao en-tramar nossas vidas em narrativas seremos capazes de fazer com que as diferentes histórias e acontecimentos vividos – ouvidos (vistos, lidos) – possam ser in-corporados para a re-elaboração das nossas tramas, dos sentidos que podemos criar para a compreensão de nós mesmos e do mundo, a fim de que possamos ter uma “vida vivível”, visto que o nosso entendimento

está diretamente relacionado às legibilidades de raça, sexo e gênero. Sem falar que, teríamos a oportunidade de tirar as diversas histórias “outras” de sujeitos “outros” da invisibilidade e do isolamento.

referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças.** 11 p. Disponível em:<http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/maquina_de_fazer_machos.pdf> Acesso em: 12/05/2015.

BORRILLO, Daniel. A homofobia. In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. (Org.). **Homofobia e educação: um desafio ao silêncio.** Brasília: Letras Livres: Ed. UNB, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRITZMAN, Deborah. **O que é esta coisa chamada amor?** Identidade homossexual, educação e currículo. *Educação & Realidade*, v. 21, n. 1. Porto Alegre, jan./jul, 1996.

CAETANO, Marcio. **Performatividades reguladas: heteronormatividades, narrativas biográficas e educação.** Curitiba: Appris, 2016.

CONNEL, R. W. **Políticas da masculinidade.** *Educação & Realidade*, v.20, n°2, UFRS, Porto Alegre, 1995.

_____. **The Men and the Boys.** Berkeley: The University of California Press, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1998.

FANON, F. **Pele Negra, máscaras Brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

FERRAÇO, C. E. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, R. L. (org.) **Método: pesquisa com o cotidiano.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FILÉ, Valter. **Batuques, fragmentações e fluxos.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.

_____. Tentativas e tentações: batidas no território da linguagem: IN: OLIVEIRA, Inês de. **Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão.** Petrópolis: DP et Alii - Faperj, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I: a vontade de saber.** São Paulo: Paz e Terra, 2017.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In:_____ (Org.) **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas.** Brasília (DF): Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009 p. 13-52.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira (Org.). **O corpo educado** – pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

POCAHY, Fernando Altair. Interseccionalidade e educação: cartografias de uma prática- conceito feminista. **Revista Texturas**, n. 23, p. 18-31, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/984>>. Acesso em: 18 ago. 2015.

PINHO, O. S. A. A Guerra dos Mundos Homossexuais - resistência e contra-hegemonias de raça e gênero. In: Luis Felipe Rios; Vagner de Almeida; Richard Parker; Cristina Pimenta; Veriano Terto Jr. (Org.). **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids, 2004, v. 1, p. 01-196.

SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. **Quando as questões de gênero, sexualidades, masculinidades e raça interrogam as práticas curriculares: um olhar sobre o processo de co/construção das identidades no cotidiano escolar**. 2014. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Rio de Janeiro: IFCHS, 2014.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

ZAMBONI, Jésio. **Educação bicha: uma a(na[1])rqueologia da diversidade sexual**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.